

MARROCOS - ONU : ENCONTRO EM LISBOA

No início deste mês o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Marrocos noticiou o seu encontro com Horst Köhler no dia 6 de Março em Lisboa. Depois de responsáveis marroquinos terem negado essa possibilidade.

Em finais de Dezembro foi divulgado que o Enviado Pessoal do SG da ONU Horst Köhler tinha enviado um convite a Rabat para um encontro bilateral numa capital europeia para os meses de Janeiro ou Fevereiro, no âmbito da nova ronda negocial que pretendia lançar no início do ano.

Em Janeiro reuniu com uma delegação da Frente POLISARIO em Berlim. Reuniu igualmente com o Comissário da União Africana para a Paz e a Segurança, o argelino Ismaïl Chergui,

com o presidente da UA, Paul Kagamé e com o presidente da Comissão da UA, Moussa Faki. Depois com o MNE da Mauritânia, Isselkou Ould Ahmed Izidbih. A 8 de Fevereiro foi a vez do MNE da Argélia, Abdelkader Messahel, ir a Berlim. E segundo o sítio marroquino *Yabiladi*, Köhler deslocou-se por sua vez a Genebra para encontros com figuras conhecedoras do processo como o antigo SG da ONU Kofi Annan, um homem chave no processo de autodeterminação de Timor-Leste.

Mas enquanto se realizavam estas consultas, o porta-voz do governo marroquino, Mustapha El Khalfi, comunicava no dia 8 que não estavam «previstas negociações nem estava programado qualquer encontro com a POLISARIO e a Argélia».

Isso mesmo foi divulgado pela agência EFE recorrendo a uma fonte diplomática marroquina não identificada: «Marrocos discordou em abrir negociações sobre o Sahara Ocidental (...) muito menos sentar-se à mesma mesa que a Frente POLISARIO». No entanto esta fonte garantiu que Marrocos «está empenhado em cooperar com a ONU, assim como com Köhler». Lembra o jornalista: «Nos últimos anos Marrocos recusou qualquer negociação, ou mesmo conversações, com a Frente POLISARIO que para a ONU é uma das partes no conflito»

Para a fonte da EFE «uma eventual negociação "deve ter à mesa as verdadeiras partes e não as suas marionetas"», o que foi interpretado como «uma alusão evidente à Frente POLISARIO e ao seu principal aliado, a Argélia».

«Não é habitual que Marrocos se afirme disponível para negociar sobre o Sahara Ocidental, mas nesta ocasião a fonte foi precisa: “A negociação deve reflectir a realidade das partes, isto é, o processo não terá êxito se as verdadeiras partes não estiverem à mesa». Isto é, Marrocos e a Argélia.

Outro eixo central da ofensiva diplomática de Rabat é quebrar o envolvimento da União Africana (UA) no conflito do Sahara Ocidental, já que considera que o mesmo deve ficar confinado ao Conselho de Segurança da ONU, onde conta com o apoio incondicional da França e do seu precioso direito de



Fig. 1: Horst Köhler em Lisboa

veto.

Para a revista *Jeune Afrique*, sediada em Paris, a decisão de Marrocos não é alheia à sua eleição para o Conselho de Paz e Segurança da organização, a 26 de Janeiro último. Na ocasião, 39 países - mais de dois terços dos membros (55) - votaram a favor de Marrocos, sem qualquer voto contra mas com 16 abstenções. A maioria dos apoios marroquinos na UA vem das antigas colónias francesas.

Paralelamente, as autoridades de Rabat destacaram para Adis Abeba a maior e mais importante representação diplomática em África.

A *Jeune Afrique* conta que Marrocos adquiriu um prédio, de sete pisos, em fase final de construção, próximo do aeroporto de Adis Abeba, onde irá instalar a sua embaixada, liderada pela embaixadora Nehza Alaoui M'Hamdi, e os escritórios do representante permanente junto da UA, Mohamed Arrouchi.

Marrocos regressou à UA em Janeiro de 2017, 33 anos depois de abandonar, em 1984, a então Organização da Unidade Africana (OUA), após esta ter reconhecido a República Árabe Saharaui Democrática (RASD) como país e a Frente POLISARIO como seu representante legítimo.

Diz a Lusa: «A RASD, representada pela Frente POLISARIO, reclama a realização de um referendo de autodeterminação, pretensão recusada pelas autoridades de Marrocos, que propõem uma maior autonomia do território, mas sempre sob soberania marroquina».

A questão do referendo é uma premissa da comunidade internacional e foi aprovada e aceite pelas duas partes do conflito – Marrocos e a Frente POLISARIO – desde 1991. Foi isso que deu origem ao cessar-fogo após 16 anos de guerra e à criação, pela ONU, da Missão das Nações Unidas para o Referendo no Sahara Ocidental (MINURSO).

E sobre a Missão o sítio marroquino *Yabiladi* noticiou que «a participação financeira de Washington nas operações de manutenção da paz poderia conhecer uma queda acentuada» em 2019 e que «a MINURSO não deverá escapar» a esta austeridade.

Segundo este sítio, Trump «propôs uma redução da contribuição norte-americana para a MINURSO de 54 %, de \$ 18.4 milhões para \$ 8.4 milhões».

Mas Marrocos acabou por aceitar o encontro com Köhler, escolhendo a cidade de Lisboa para esse efeito. A delegação marroquina será dirigida por Nasser Bourita, ministro dos Negócios Estrangeiros, e integrará ainda Omar Hilale, representante permanente de Marrocos junto da ONU.

Köhler convidara o MNE marroquino, o Secretário-geral da Frente POLISARIO e representantes da Argélia e da Mauritânia, estes na qualidade de países vizinhos e parte interessada, para encontros separados em Berlim. Mas Marrocos fez finca-pé em marcar o local e a data do encontro, ao mesmo tempo que faz depender a sua participação da presença da Argélia à mesa das negociações. Trata-se de um linha de conduta antiga que remonta ao início do conflito. Rabat sempre quis mascarar a questão como uma disputa bilateral e não como um genuíno processo de autodeterminação como a ONU sempre o considerou.